

Online

- [Geral](#)
- [Brasil](#)
- [Política](#)
- [Finanças](#)
- [Empresas](#)
- [Internacional](#)
- [Cotações](#)

Impresso

- [1° Caderno](#)
- [Empresas & Tecn.](#)
- [Finanças](#)
- [Eu&](#)
- [Legislação & Tributos](#)
- [Agronegócios](#)
- [Suplementos](#)
- [Colunistas](#)
- [Índice Geral](#)
- [Empresas Citadas](#)

Especiais

- [Valor 1000](#)
- [Valor Carreira](#)
- [Financeiro](#)
- [Grandes Grupos](#)
- [Investe](#)

Geral

- [Assinaturas](#)
- [Seminários](#)
- [Newsletter gratuita](#)
- [Conversor de moedas](#)
- [Expediente](#)
- [Fale Conosco](#)
- [Publicidade](#)
- [Estágio](#)

Prêmios

- [Valor Social](#)
- [Ethos-Valor](#)

Empresa & Comunidade

Edições Anteriores: 20/07/2004 - n° 1056

[home](#) ➤ [impresso](#) ➤ [suplementos](#)

Com a responsabilidade social, temos um contingente de pessoas que se preocupam com o todo e o futuro da sociedade

Três jantares com amigos e "Diários de Motocicleta"

Por Álvaro Esteves

Há poucos dias, participando de um jantar com amigos e colegas que estão hoje engajados no tema da Sustentabilidade e Responsabilidade Corporativa, me vieram em mente dois outros eventos de certa forma parecidos, no passado, que geraram uma comparação interessante. O ponto de partida desse insight foi o filme "Diários de Motocicleta". Sem deixar de ser um filme maravilhoso para qualquer platéia sensível, para minha geração, os "Diários" têm um sabor especial, justamente por nos remeter a um tempo de descobertas e de sonhos, em meio a muita efervescência e, por outro lado, a tantas dificuldades e frustrações.

No primeiro desses jantares, mais uma conversa de bar, com mais chopp do que comida, o tema era a luta armada, vista pela maioria ali como a única via para se fazer frente às injustiças crônicas agudas da nossa história. Era um 30 de dezembro, em meados dos anos 60, Che Guevara estava vivo e atuante, e para aqueles jovens amigos, a ditadura não parecia um inimigo tão invencível. Um par de companheiros daquela noite que, curiosamente acabou alegre e otimista, com os assuntos tão sérios sendo equilibrados pela perspectiva do ano novo, acabou sendo vítima fatal da guerra que se travou nos anos seguintes, nos deixando uma herança de tristeza e muito desânimo que acabaram marcando aquele período.

O segundo jantar, esse com boa comida e bom vinho, foi em Milão, final dos anos 70, logo que cheguei à Itália para uma temporada de três anos. O ponto de encontro era o stand do Brasil no Festival de "L'Unità", o jornal do Partido Comunista Italiano. O festival era uma espécie de Feira da Providência, com representações de inúmeros países, música e muitas outras atrações, num clima alegre, descontraído e, para mim, surpreendente. Era uma faceta da democracia plena a que não estava acostumado. Convidado por um amigo jornalista, que já estava por lá há anos fui conhecer um grupo de brasileiros, com quem iria conviver bastante naquele período, que organizava e pilotava o tal stand. Eram todos exilados da ditadura militar, e com o pôster de Guevara na parede ao fundo, o tema da conversa era a abertura democrática que se prenunciava e as oportunidades que daí poderiam se abrir, para maior justiça social e para um desenvolvimento mais harmônico da nossa sociedade.

Em ambos eventos não pude evitar um certo ceticismo, ainda que o tenha colocado com delicadeza nas conversas, para não interferir demais no clima de esperança que estava ali instalado. No primeiro caso, tinha a favor do meu ponto de vista o fato de ser eu mesmo um estudante militar e, portanto, conhecedor de perto do poderio que o Exército, a Marinha e a Aeronáutica detinham, diante daquelas iniciativas, quase sempre tão precárias, dos grupos armados revolucionários. Desconfiava que sonhar não bastava para uma guerra em que o peso das armas e o conhecimento do seu uso estratégico eram vitais.

No segundo encontro, o ceticismo tinha fundamento na consciência que tinha adquirido no trabalho em grandes corporações. Já tinha suficientes elementos e indícios para entender os fundamentos de como operavam - e operam - os "Donos do Poder", como descreveu Raymundo Faoro. Tinha certeza de que não seria uma luta fácil o jogo democrático que se abria e que as forças de certas oligarquias tinham uma capacidade de estruturação e de articulação inimagináveis. Até hoje estão aí, garantindo interesses, corrompendo e manipulando o sistema.

E o terceiro jantar? Nesse, não havia espaço para ceticismo da minha parte e as conversas naquela mesa só faziam reforçar essa sensação. O caminho de luta que tem sido aberto, inicialmente pelo terceiro setor, e, agora, pelas iniciativas corporativas sob o guarda chuva-conceitual da "Responsabilidade Social", tem gerado uma contaminação positiva que tem tudo para avançar em progressão geométrica.

Tenho certeza de que todos os movimentos políticos e sociais se somaram para a construção de um pano de fundo como o atual. Pela primeira vez, na história, temos um contingente tão grande de indivíduos que se preocupam com o todo, com o planeta e com o futuro da sociedade. O que é compreensível, pois os problemas são mais complexos com as questões ambientais e os reflexos decorrentes de uma globalização meio atabalhoada, se somando aos déficits que insistem em permanecer na área social.

O que diferencia as coisas, desta vez, é que a ação que se pretende não é baseada em blocos que se contrapõem e, sim, na consciência de que não é necessário um perder para

Busca:

[Busca avançada](#)

o outro ganhar. O que a sustentabilidade e a responsabilidade corporativa trazem de novo é uma visão mais integrada do universo empresarial e um poder de multiplicação bem mais sedutor do que uma "revolução", porque tem por base a emoção legitimada por uma racionalidade fácil de ser aceita, sensata e bem estruturada.

O futuro? Este é uma dimensão imaginária em que as certezas nunca podem existir. Sempre teremos os riscos de que o tema seja manipulado ou banalizado e desgastado por um uso indevido. Mas, hoje, ainda desfrutando os efeitos deste terceiro jantar, tomo a liberdade de me sentir um pouco "Che", ou pelo menos como ele deve ter se sentido na época retratada pelo filme: com esperança e com vontade de fazer as coisas acontecer. Tim tim!



Álvaro Esteves é diretor de Planejamento da Giovanni,FCB e da Ekobé Educação e Consultoria

Copyright Valor Econômico S.A. Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita do Valor Econômico S.A.. Para saber como adquirir o direito de publicação das notícias clique [aqui](#).

Powered by  **economy**